

Representante sindical

Dia 17 acontece as eleições para representante sindical do Sinergia. Na terça-feira foram sorteados as posições de todos candidatos na cédula eleitoral.

Assembléia Estadual

Foi um sucesso absoluto a Assembléia Estadual dos trabalhadores da Celesc realizada sábado, dia 6 de agosto, em Joinville. A organização do evento, a cargo do Sindinorte, foi exemplar. Mais de 400 eletricitários, de todas as agências da empresa, mostraram sua disposição de lutar pelas questões salariais, pelos direitos adquiridos, pela garantia de emprego e contra a privatização do setor elétrico.

Sustentação Financeira

A Assembléia Estadual dos empregados da Celesc referendou o desconto de 0,5% (meio por cento) do salário-base dos associados, nas mensalidades de setembro, outubro e novembro, para sustentação financeira da campanha salarial, na conformidade das deliberações tomadas nas assembleias regionais que aprovaram a pré-pauta de reivindicações.

Contribuição Confederativa

A Assembléia Estadual aprovou o desconto de um dia de trabalho de quem não é associado dos Sindicatos da Intercel. O desconto acontecerá em outubro de 1994, a título de Contribuição Confederativa, com fundamento no que dispõe o art. 8º, Inciso IV, da Constituição federal. Além de legal, o desconto é legítimo, pois não é justo que todos se beneficiem do Acordo Coletivo e somente os associados paguem a conta da Campanha Salarial.

Devedores Inadimplentes

É grande a preocupação dos eletricitários sobre o volume de dinheiro em mãos dos grandes consumidores, que têm tarifas subsidiadas. Eles ficam devendo quanto querem e ainda têm o privilégio de não terem cortado o fornecimento de energia. Para os pequenos, a Celesc contrata empreiteiras para o corte.

Moção contra devedores

A Assembléia Estadual aprovou, por unanimidade, moção exigindo da Celesc cobrança dos grandes consumidores inadimplentes. Também hipotecou apoio irrestrito aos sindicatos para impetrarem ações judiciais responsabilizando a diretoria da empresa pela inércia com que trata o assunto.

N 281
10/08/94

LINHA VIVA

Unidade

Urbanitários de todo país decidem se unir numa só federação



Os urbanitários de todo Brasil estiveram reunidos em Brasília num congresso para unificar as duas federações existentes numa só estrutura vertical, orgânica à CUT, denominada Federação Nacional dos Urbanitários (FNU). Participaram do congresso 340 delegados que delinearam uma proposta de política para o setor energético (eletricidade, gás e nuclear) e uma proposta de política para o saneamento e meio ambiente. Também foi decidido a deflagração de uma campanha contra a privatização. O novo estatuto da federação está pronto como também eleita a primeira diretoria. Esta será uma das maiores federações ligadas à Central Única dos Trabalhadores.

Estiveram presentes no encontro, - cuja abertura foi feita pelo presidente nacional da CUT, Vicentinho -, várias delegações estrangeiras, incluindo representantes do setor elétrico de Cuba, a Internacional dos Serviços Públicos, e a Internacional dos Trabalhadores nos Setores de Gás e Energia.

Na avaliação de Glauco Marques, diretor do Sinergia, "o saldo final pode ser considerado positivo na medida em que se constituiu uma estrutura vertical que unifica o movimento em todo país e nos dá a possibilidade de dar um salto de qualidade na luta deste importante setor".

ENEL

No último dia foi realizado o Encontro Nacional dos Eletricitários, cujas deliberações principais foram em relação à campanha salarial 94/95 pela aprovação da pauta nacional proposta pela Intersul (com algumas poucas alterações) e estipular como eixos da campanha a defesa das empresas contra a privatização e a defesa do emprego.

Foi aprovada a intensificação de medidas contra a privatização da Light e Escelsa. Cada sindicato deve analisar e encaminhar ações populares contra atos de privatização e discutir a paralisação de uma hora um dia antes do leilão da Escelsa, marcado para 26 de agosto.

Aumento salarial

O economista Clóvis Scherer do Dieese, explicou na Assembléia estadual os índices de perdas salariais dos eletricitários. São necessários 47,55% para recuperar as perdas ocorridas desde outubro de 93 a fevereiro de 94; 9,60% para cobrir a perdas com a URV entre março de 94 a junho de 94 e 9,30% para cobrir a estimativa de inflação em Real, nos meses de julho, agosto e setembro. O Dieese calcula também, relativo a junho, um resíduo inflacionário de aproximadamente 27%, que o Governo expurgou. Somando tudo, o índice da data base ultrapassará a casa dos 110%.

Dificuldades reais

Na Assembléia Estadual foram debatidas as dificuldades que a categoria terá para recompor os salários. As perdas são superiores a 110% e o Governo acena apenas com a inflação real de julho, agosto e setembro. A diferença é enorme. A Celesc, como de costume, vai se esconder nas dificuldades financeiras, no congelamento das tarifas e, pasmem, até na própria inadimplência dos grandes consumidores e na dívida do Governo do Estado. Mas terá, também, de enfrentar a disposição de luta dos eletricitários. A greve de maio mostrou isso, é bom lembrar.

Auxílio alimentação

Apesar do indicativo de duas assembleias regionais para inclusão na pauta de reivindicações do pedido do Ticket refeição, a assembleia estadual aprovou a manutenção do atual sistema. Mas quer que o valor pago pela Celesc seja suficiente para pagar o almoço, sem ter o empregado que desembolsar para completar o preço cobrado pelos restaurantes. Também querem, no mínimo, que o valor seja o mesmo praticado pela Fundação Celos. Não se admite que haja uma discriminação tão odiosa: R\$ 3,57 na Celos e R\$ 2,91 na Celesc.

Garantia de emprego

Além de exigir a mudança da redação da Garantia de Emprego, os eletricitários querem que a cláusula faça parte do Acordo Coletivo. A cada ano cresce o número de cláusulas na Carta Compromisso que, depois, a própria Celesc nega sua validade, quando contestada judicialmente. E como a garantia é uma cláusula fundamental para fechamento do acordo, a categoria promete ir à luta com redobrado esforço.

Sem saída

Liminar exige que Celesc dê nomes de inadimplentes

O Juiz de Direito, Nicanor Calfrío da Silveira, concedeu, no dia 8 de agosto, uma liminar contra a Celesc, dando 10 dias para a empresa fornecer a relação nominal das 100 pessoas jurídicas privadas, cujas dívidas apresentem maior valor nominal, mês a mês a partir de janeiro de 1994, acompanhada de relatório demonstrativo das medidas adotadas para cobrança. A liminar tornará pública finalmente a lista dos maiores inadimplentes para com a Celesc, como vem pedindo a Intersindical há vários meses.

Com esta medida seguirá seu curso a ação civil pública contra a diretoria da

Celesc, a cargo do promotor da Vara da Fazenda, Raulino Brugging, que deseja preservar o patrimônio da estatal e responsabilizar seus administradores. No pedido de concessão da liminar o promotor cita os argumentos apresentados pela Intersindical para requerer a ação cautelar: desleixo administrativo dos dirigentes da Celesc, pagamento do ICMS sem ter recebido as faturas de energia elétrica e a "socialização dos prejuízos, via elevação das tarifas suportada pelos bons contribuintes, e pequenos consumidores que quando não pagam, têm cortado o fornecimento de energia".

EDITORIAL

Sobre a vida real

A enquete que este Linha Viva realizou, aleatoriamente, nesta semana com eletricitários de vários pontos do estado, revela que para os trabalhadores o Plano Real não é tão bonito quanto aparece na TV, tampouco representa uma melhoria na qualidade de vida dos brasileiros. O que se vê é um rebaixamento do poder de compra dos salários em consequência das manobras de conversão dos mesmos pela média, enquanto os preços e serviços comprovadamente foram às alturas, tudo com a cumplicidade silenciosa do governo. Este mesmo governo que tardadamente se arvora como severo fiscalizador dos aumentos. Este mesmo governo que clinicamente recomenda às donas de casa que façam pesquisa de preços, como se elas tivessem todo o tempo para tal.

Mais uma vez temos um plano e um discurso oficial que colocam a população sob a expectativa de duas únicas possibilidades: o plano vingar ou não. Mas a questão não é essa! Entre estas duas variáveis há um manancial de conceitos e contradições que vão muito além de índices de inflação.

O Plano Real não é tão real quanto as elites querem fazer acreditar. Seu mecanismo de sustentação, de garantia de inflação baixa até as eleições pode custar caro para o país: o lastro da paridade com o dólar terá como contrapartida a queima das reservas cambiais e o déficit fiscal controlado com a privatização das estatais.

O objetivo do plano não é apenas baixar a inflação. A questão é enquadrar nossa economia nos parâmetros impostos pelo FMI e pelo capital monopolista internacio-

nal. O que querem é implantar o modelo neoliberal que já arrasou nações como a Argentina que hoje vive o drama da desindustrialização, do desemprego, da liquidação das reservas cambiais e das estatais.

Portanto, a questão não é se o plano vai ou não dar certo. Com ele pretendem eleger um presidente e dar consequência à marcha da subserviência disfarçada como "internacionalização da economia". Com ele pretendem perpetuar a concentração de renda e o poder das elites que sempre se beneficiaram com a inflação e com a pobreza da maioria.

O plano é a ponta de iceberg que flutua belo num mar tranquilo e embelezado pelos efeitos especiais da mídia. Mas sua essência é o gelo e as arestas pontiagudas. A parte submersa é a mais perigosa, o cerne de um projeto antipopular e elitista, a manutenção da situação vigente.

Os brasileiros, não podem entrar na falsa polêmica sobre o plano. Não é só ele que está em questão, e sim projetos para o país. Podemos nos acomodar com o conforto fugaz de índices de inflação domesticados. Ou podemos afirmar a necessidade de uma saída democrática e popular para o país. Uma proposta que contemple a maioria marginalizada e que aplaque nossa vergonha de entrar no século XXI como a pior distribuição de renda do mundo, juntamente com o miserável Botswana, da África.

Nossa enquete mostra que os eletricitários já sentem no bolso as consequências do Real, mas as perdas e danos, dada a essência do plano, poderão ir bem além do arrocho salarial.

Enquete

Esta semana o Linha Viva conversou com mais de 30 empregados da Celesc e Eletrosul para saber o que eles estão pensando do Plano Real. Para cada um deles foram feitas duas perguntas: 1) o que você acha do plano, e 2) o que aconteceu com seu dinheiro neste mês que passou?

Tô achando o plano eleitoreiro, imediatista. Já tivemos outras experiências iguais. Olha sou apolítico, detesto políticos e me lembro que o PMDB ganhou as eleições com o Plano Cruzado. O que me pergunto é que milagre é esse que zerou de uma hora para outra uma inflação de 50% ao mês? Eu, na transformação para o Real perdi muito, reduzi o consumo. Os preços estão baixando mas não por milagre. É porque as pessoas estão sem dinheiro para comprar, estão se privando de coisas porque não tem grana, o salário foi achatado.

C. - Din, Celesc

Todo mundo comenta diariamente: o salário diminuiu bastante. Chegou o final do mês e o salário não cobriu. Antes quando tinha inflação a gente dava um jeito, aplicava, fazia alguma coisa. Mas agora o salário ficou por baixo. Só tem uma imagem boa do plano quem não parou ainda para pensar: o que é que o governo está fazendo para bancar isto. Estão queimando nossas reservas, nosso patrimônio.

Vitor Guimarães - DVRU, Celesc

Me parece que é um plano para ganhar eleições. Meu medo é virarmos uma Argentina, com um desemprego medonho, uma grande recessão. Mas estou gostando que não tenha inflação. Se o juro baixar aí fica bom.

José Verzola - DO, Celesc

Estou acreditando, mas como só tem um mês vamos ver. O ruim é que as coisas subiram muito. Não estou comprando nada além da alimentação, porque na passagem do mês os aumentos de roupas e o resto foi demais e o salário ficou na mesma.

Olinda Della Giustina - Agência/Fpolis - Celesc

Acho que o plano não é ruim. Mas foi horrível o modo como foi aplicado. Os salários ficaram na média dos quatro meses e os preços nos valores atuais. Notei que meu salário ficou defasado em cerca de 60%, em relação por exemplo ao material de construção. Já estava mal e agora está horrível. É só observar: não tem um banqueiro, empresário ou latifundiário reclamando. Sinal que ficou duro para nós assalariados.

Daniel Aquino - fiscal, Celesc

Acho que a ideia do plano é boa. É a única maneira de acabar com a inflação. O problema é que não está dando certo porque os comerciantes não são sérios. Seguiram as regras para os salários mas o comércio não. Estou esperando para ver até quando irão manter o dólar neste patamar.

Vilson Coelho - DVNE, Celesc

Se os políticos pararem de falar mal o plano está bom. Eles querem se eleger por conta do apocalipse. É a maneira para termos estabilização. O meu dinheiro ficou bom com o plano.

Dilnei da Rosa - COD, Celesc

O eletricitário e o Real

Com este plano fui roubado mais uma vez. Mas acredito que se todos mantiverem a coisa com honestidade é provável que dê certo. Acho que existe uma fissura no plano porque o Maluf disse há um mês atrás, que se o plano fosse bom teria sido implantado há um ano atrás. A mídia está nos transmitindo muita insegurança. Quanto ao salário o sentimento geral é de que ele encurtou.

Dauri Gonçalves - COD, Celesc



Acabar com a inflação é bom. Ainda não deu para avaliar o que vai acontecer. Antes todos os dias os preços subiam e agora isto parou. Só que o salário parou antes. Mas como a inflação comia muito do nosso poder aquisitivo a impressão que tenho é que as coisas irão melhorar, apesar da imensa perda que tivemos na transformação de moeda.

José Orlando - DPL, Eletrosul

É notório que o poder aquisitivo caiu. Sinto falta de medidas complementares que estabilizem em definitivo a economia. Infelizmente o objetivo do plano é eleitoreiro e o governo está gastando todos seus trunfos para assegurar a imagem do plano. Não estão poupando esforços tirando dinheiro do Tesouro, alimentando a recessão.

Alex Diaz de Azevedo - DPL, Eletrosul

Acho o plano bom, no sentido de que você tem uma moeda forte. O que entristece é que as coisas subiram e o nosso salário arroucho. Ficou mais apertado que antes. Espero que dê certo por que é bom saber quanto o nosso dinheiro vale.

Eunice Leite - DOS, Eletrosul

Em 44 anos esta é a primeira vez que vivo uma mudança econômica tão grande. Me pergunto: que milagre é este que do dia para noite transforma a inflação num fantasma que some, e faz os governantes prometerem de tudo? Como acontece isto sem mudar a cultura de um povo? É inacreditável! Não tenho grandes expectativas de sucesso do plano. Acho que a euforia é muito grande e para manter isto estão vendendo o patrimônio nacional, permitindo que alguém de fora mande nos nossos meios básicos de sobrevivência. Não acredito neste plano. Talvez o que ele vá gerar é uma concentração maior de riqueza e um empobrecimento maior.

Antonio Baungarten - DOS, Eletrosul

O meu salário sumiu. Foi reajustado pelo média e os preços ficaram um absurdo. O que ganho não está

dando para passar o mês. E quando penso que o mínimo é de R\$ 64,00 e a cesta básica custa R\$ 100,00, vejo que as coisas podem ser mais absurdas ainda. Acho o plano eleitoreiro e vai durar até outubro. Se o Lula ganhar os empresários acabam com o plano. Se o FHC ganhar eles aguentam mais um pouquinho e depois vai ser uma calamidade. Fico pensando como é que vai ser nosso acordo, em novembro? Falo com meus colegas e todo mundo fala que não está dando para segurar a barra.

Iraci Maia - DEH, Eletrosul

Acho que os preços se estabilizaram lá em cima e o salário da gente aqui embaixo. Tá difícil. Mas se continuar assim talvez a inflação comece a cair.

Raísa Silva - DES, Eletrosul

O salários não está bom. O plano deixou a desejar porque o salário ficou baixo e os preços dispararam, sem controle e ainda por cima veio o Imposto de Renda com tudo. Deu para passar este primeiro mês de Real, apertado. Vamos esperar.

Fernando Seabra - Sertão, Eletrosul

O que senti é que o salário está congelado, o poder aquisitivo diminuiu. Estou desconfiado. Até quando vão segurar os preços? Porque só estão segurando as tarifas públicas e os salários? Isto vai ser bom para o FHC. Seguram três meses e elege o seu candidato.

Alfredo Lima - DEMS, Eletrosul

Acho que é uma tentativa. Se houver colaboração vai funcionar, mas tem que entrar também a indústria, comércio e banco, e não só o peão. Olha, por exemplo, o custo da escola não está fácil. Está em URV desde maio e a defasagem em relação ao salário está muito grande. Isto que só tenho um filho estudando, mas já dá para estragar o orçamento.

Bóris - Sertão, Eletrosul

Este plano não vai funcionar. É uma imitação do que aconteceu na Argentina. Vamos nos ferrar logo, logo.

Fortkamt - Sertão, Eletrosul

Na verdade eu deposito muita confiança neste plano. Tem que dar certo. Do meu salário não sobrou nada, na virada perdi muito e ficou difícil.

Inês Dallagnol - Celesc, Videira

Acho a estabilidade da moeda excelente. Você vai ao mercado, põe gasolina e é sempre o mesmo preço. O salário ficou estável.

Ernesto Rohden - Celesc, Mafra

Estou otimista, até agora. Tenho muita esperança. O meu salário não teve alterações. Quando passou para a URV tive perdas. Para mim sempre faltou salário no final do mês. É claro se tivessem nivelado tudo, seria melhor.

Marilise Galeazzi - Celesc, São Miguel do Oeste

Se corrigissem a perda que tivemos em URV, em termos de política salarial estaria ótimo. Acontece que meu poder de compra caiu lá embaixo.

Carmem Vieiro - Celesc, São Miguel do Oeste

Estou ainda na expectativa. Tenho muitas dúvidas. O plano é bom mas será que o Fernando Henrique fez ele pensando no povo ou para se eleger e depois por no cofre e esquecer? O meu salário deu para pagar minhas contas, mas não sobrou nada.

Anselmo Carvalho - Celesc, Blumenau-

TRIBUNA LIVRE

A difícil tarefa de administrar fundos de pensão

Alfeu Luiz Abreu
Diretor da Fusesc e da Abrapp

O Brasil está em crise. Nosso modelo de desenvolvimento está totalmente comprometido e a Previdência Oficial falida. A Federação, os Estados e os Municípios estão ingovernáveis. Com a economia paralisada, a Nação está numa grande sinuca.

Durante anos e anos, escutamos: "o Brasil é o país do futuro". Um futuro que nunca chega. Mas afinal, de quem é a culpa? Do FMI, da ditadura militar, ou dos oligopólios, quem sabe das estatais, do Collor, ou da máfia do Congresso, do déficit público, ou da já inadequada Constituição de 88?

A história recente do Brasil mostra que os últimos anos têm sido conturbados. Entre 1930 e 1985 a sociedade brasileira viveu 35 anos no regime autoritário, civil ou militar; teve quatro Sistemas Partidários; oito anos de proibição de qualquer organização partidária e o melhor, foram anistados os nossos idealistas. Durante o período tivemos cinco constituições (1934, 1937, 1946, 1967 e 1969). Ainda sem rumo definido, o Brasil apelou para mais uma constituição, a de 1988.

Como se não bastasse, o Brasil tentava colocar a economia nos eixos, agravando ainda mais o quadro. Na década de 80 enfrentamos oito planos de estabilização. Delfin Netto inaugurou a onda. O segundo foi Dilson Funaro, que apresentou dois planos em 6, o Cruzado e o Cruzado II. Depois veio Bresser Pereira, que deu seu nome ao plano iniciado em julho de 87. O próximo a tentar foi Maílson da Nóbrega com o Plano Verão.

Em síntese, na década de 80 tivemos quatro moedas; 11 índices de cálculo da inflação; cinco congelamentos de preços; 14 políticas salariais; 18 modificações das regras de câmbio; 54 modificações das regras de controle de preços; 21 propostas de negociação da dívida externa e 19 decretos governamentais acerca da austeridade fiscal.

Na década de 90, com novo presidente, o ritmo não mudou. A crise econômica e política 90 veio acompanhada dos planos Collor e Itamar. Zélia Cardoso de Mello começou com o Plano Color I, passou para o Collor II e foi substituída por Marclio Marques Moreira. A partir daí, veio o Itamar I até dezembro de 92, quando o ritmo da economia foi quebrado pelo impeachment de Collor. No começo de 93 um novo plano, Paulo Haddad apresentou o Plano Itamar II. Em seguida Fernando Henrique Cardoso lançou o Itamar III e embalou a economia para o Itamar IV, com Rubens Ricúpero.

Mais uma vez, e de forma democrática, temos a possibilidade de eleger nossos representantes em quase todos os níveis. O momento não é de anular o voto ou de votar em branco, é de tomarmos a melhor decisão. Os candidatos que af estão refletindo exatamente a nossa ação ou omissão. São os que se apresentaram. Você tem o direito de escolher quem administrará o seu país e o seu estado, além dos homens que farão as leis. Que Deus nos ilumine, o país e o estado não desampare.

Anarquista, graças a Deus

Carlos Diaz professor na Universidade Complutense de Madrid e coordenador do Instituto Manuel Mounier, um grupo de estudiosos ativistas de inspiração cristã, favoráveis a uma sociedade civil autônoma, autogestionária de caráter comunitário, é um estudioso com uma obra considerável (mais de 60 livros publicados nas mais diferentes áreas: filosofia, política, teologia) que esteve recentemente no Brasil dando uma série de conferências sobre educação e pedagogia libertária.

Na oportunidade o Linha Viva o entrevistou para tentar entender como ele faz a união entre cristianismo, anarquismo e marxismo, três fontes que norteiam seu trabalho intelectual.

LV - Você é essencialmente um cristão católico. Como concilia isto com o anarquismo que é outra base do teu pensamento?

Diaz - Minha formação básica é cristã. Mas travei contato com o movimento operário, durante meus estudos de doutorado na Alemanha. Foi quando contatei com marxistas e anarquistas. Então me pus a estudar o marxismo e o anarquismo. Traduzi alguns livros de Marx para o espanhol. Mas dentro do cristianismo de Jesus de Nazaré me identifiquei mais com o anarquismo, que é uma ética da solidariedade, do apoio mútuo, que não apela nunca para a ditadura de qualquer natureza. A ética anarquista é do ter todas coisas em comum, da transformação espiritual do coração. Mas não é só uma transformação interior como também das estruturas. Por isto não tive nenhuma dificuldade com o anarquismo.

LV - Mas a pergunta é mais no sentido de você, como integrante de uma Igreja, de uma instituição odiada pelos anarquistas...

Diaz - As pessoas que fazem esta pergunta são de fora da Igreja. Não sabe bem o que acontece na Igreja. Acham, de safada, que é uma coisa perdida, cheia de pecados, etc. É como se eu dissesse que o marxismo está cheio de corrupção. É preciso estudá-lo. Eu procurei, e estou agradecido em ter estudado Marx, Freud, Nietzsche e todo pensamento agnóstico. Aprendi muito. Mas isto não acontece muito no sentido oposto.

LV - A maioria de nós não tem sequer tempo para fazer estes estu-



dos. Esta visão da Igreja é a geral e a possível para a maioria de nós.

Diaz - As pessoas vêem uma parte que é verdadeira, que é a estrutura da Igreja e que não funciona evangelicamente. Mas não consideram que existem muitas comunidades de base, existe muita gente que está entregando sua

vida às "fogueiras" todos os dias, em todos cantos do mundo. E esta gente também é parte da Igreja. O conflito é com a hierarquia da Igreja e não com a Igreja. Além disso, para ilustrar, posso dizer que este Papa atual escreveu uma encíclica que é único documento dos nossos tempos que se põe contra a propriedade privada dos meios de produção, contra o capitalismo, contra a exploração do homem pelo homem, etc. Nenhum partido comunista europeu defende hoje o que esta encíclica está defendendo.

LV - Esta filosofia chamada pós-moderna é tipicamente européia?

Diaz - Sim. Existiram no mundo três grandes cosmovisões: a religiosa - que vai até a Revolução Francesa, 1789. De lá até 1989, não mais que 200 anos, tivemos o marxismo. E da queda do Muro de Berlim até hoje temos a pós-modernidade, o paradigma de Narciso, aquele que viu sua imagem refletida na água e se achou tão bonito que quis beijar-se e morreu afogado. O Ego afoga. Assim estamos hoje no Ocidente: tudo para mim, dinheiro, mulheres, prestígio, poder. É o fim da História. Se não há comunidade não há história e a História se acaba quando não há futuro.

LV - Do ponto de vista político-econômico, como se articula a ideologia de Narciso, os pós-modernos e o neoliberalismo?

Diaz - Penso que os teóricos pós-modernos, posteriores a Heidegger são todos neoliberais. É lógico e natural que sejam neoliberais. O neoliberalismo é a negação. É a apologia da liberdade sem igualdade e sem fraternidade. Isto é que o Ocidente te oferece hoje.

LV - E como as pessoas se relacionam num mundo assim?

Diaz - Quando cai o Muro de Berlim, o marxismo, que era a esperança dos pobres cai. Se acreditava que os pobres eram a verdade e o capitalismo a mentira. Quando esta convicção básica se acaba, o que acontece com os pobres? Como os ratos do barco que afunda, está todo mundo num salve-se quem puder. Mas os pobres não tem para onde ir. Perderam a esperança, a fé acabou, a História terminou. Tudo é muito difícil. Para que algo tenha capacidade de implantação histórica é preciso que tenha quatro coisas: saber, querer, poder e esperar. Tem que ter vontade de transformar as coisas, tem que saber fazê-lo, tem que ter força ou poder para fazê-lo e tem que ter esperança de fazê-lo. Se falta um, vai faltar os outros. Eu creio que a libertação dos pobres é coisa dos pobres mesmo. Eles podem tudo, são maioria. Mas o mais difícil de tudo é esperar. É difícil manter a esperança em tempos difíceis. Ser de esquerda é saber ficar sózinho, contra todos, subindo a corrente. Esta é a condição da pessoa de esquerda.

Programação de cinema

Esta é a programação do Centro Integrado de Cultura e do ART 7. Nas duas salas, os eletricitários têm direito a meia entrada com a apresentação da carteira do sindicato, conforme convênio.

CIC

De 10 a 12 de agosto
20h 30min - *Tão Longe, Tão Perto*

Dia 13 e 14 de agosto

19 horas - *Tão Longe, Tão Perto*

21h 15 min - *Perversa e Perigosa*

Dia 16 e 17 de agosto

20h 20min - *Perversa e Perigosa*

ART 7

De 12 a 18 de agosto
19h e 21 horas -

Entre o Céu e a Terra

Dias 13 e 14 de agosto (sábado e domingo)

17 horas - *Jardim Secreto*